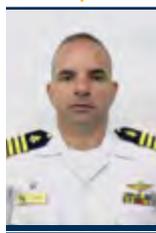




CMG (FN) **Luigi** Company de Oliveira
luiggicompany@gmail.com

Ameaças Híbridas e Guerras Híbridas - uma breve análise aplicada aos conflitos russo-ucranianos de 2014 e de 2022



CMG (FN) **Luigi** serve atualmente na Embaixada Brasileira na Colômbia, como Adido Naval. É oriundo da Escola Naval, realizou todos os cursos de carreira com destaque. Serviu no BtlArtFuzNav, como Comandante da Linha de Fogo e Comandante de Bateria; no CIASC, foi Instrutor do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais; e no Comando do Desenvolvimento Doutrinário do CFN foi Imediato. Realizou intercâmbios no exterior como Ajudante de Operações da Força de Infantaria de Marinha da Flota del Mar, na Argentina, e como Oficial de Ligação junto ao *Marine Corps Forces South*, nos EUA. Comandou a Companhia de Polícia do Batalhão Naval, quando foi responsável pela segurança dos comboios a cargo da Marinha do Brasil nos V Jogos Mundiais Militares, em 2011, e comandou a Base de Fuzileiros Navais da Ilha do Governador.

Neste artigo apresentaremos uma breve análise comparativa dos conflitos entre a Rússia e a Ucrânia em dois momentos. O primeiro, durante as operações que culminaram na anexação da Crimeia em 2014 e o segundo, nos primeiros seis meses do conflito deflagrado em fevereiro de 2022, quando a Rússia invade o país vizinho.

Para essa análise, será explorada a diferença entre os conceitos de ameaças híbridas e guerra híbridas, utilizados na literatura produzida pelo Centro de Excelência Europeu para a Guerra Híbrida (Hybrid CoE). Por fim, buscaremos identificar características que se repetem em ambos os momentos para concluir por inferência quais características das forças militares são necessárias, particularmente para o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), para vencer os desafios do século XXI.

1. Compreendendo o problema

Em 2014, depois de enviar seu exército para ocupar uma parcela do Sul da Ucrânia, com o pretexto de estabilizar a região da Crimeia, supostamente para proteger a população de sangue¹ russo, o Kremlin, até aquele momento, vinha negando qualquer envolvimento direto nos conflitos internos que ocorriam no país vizinho. Mas logo suas intenções ficariam claras. Por meio de um decreto presidencial, Putin anexava ao território russo a estratégica península da Crimeia e a cidade de Sebastopol, sem praticamente nenhuma resistência militar significativa.

A materialização dessa expansão territorial, ocupando militarmente um outro país, sem desencadear um engajamento militar convencional, abriu discussões no ocidente para entender o que havia ocorrido. Acaso as revoltas internas e violentas observadas no país,

potencializadas por ataques cibernéticos aos órgãos de governo e escândalos de corrupção explorados pela mídia seriam uma nova forma de guerra?

Tais debates popularizaram o conceito de guerra híbrida. Esse termo, criado pelo pesquisador dos EUA Frank Hoffman, parecia melhor descrever o que ocorrera na Crimeia. Hoffman (2007) ao debruçar-se sobre a segunda guerra do Líbano (2006), percebeu que as Forças de Defesa de Israel não combateram simplesmente um grupo terrorista. Na ocasião, o Hezbollah conseguiu desferir pesadas baixas ao exército israelense, empregado ataques militares convencionais mesclados com ações de guerrilha, combinando armamento de guerra convencional em suas táticas bem desenvolvidas e não apenas artefatos explosivos improvisados e escaramuças.

O trabalho de Hoffman (2007) foi apoiado em estudos anteriores que já descreviam uma revolução nas formas de combate do século XXI. Nesse sentido, ele percebeu que as guerras deste século envolveriam uma mescla de formas de atuação, as quais exigiriam preparo adequado das Forças Armadas, posto que teriam que combater não somente um tipo de opositor, mas um ator híbrido capaz de combinar diversas formas de guerra, tanto convencionais quanto irregulares e até mesmo, explorar o crime e atos terroristas em prol de seus objetivos.

No campo espacial, tais conflitos ampliariam os limites dos campos de batalha para além das fronteiras físicas do terreno. Envolveriam também a batalha pelas percepções da sociedade globalizada, explorando a divulgação de informações pela mídia e redes sociais, a fim de comprometer a legitimidade do oponente, reduzir a sua influência e desencorajar alianças. Ao mesmo tempo, as hostilidades seriam expandidas para diversas áreas da sociedade, tais como o

¹Aqui nos referimos ao conceito de *Jus Sanguinis*, que em latim significa direito de sangue. Essa norma, muito comum na região da Eurásia, atribuiu a cidadania à ascendência de um indivíduo, não priorizando o país de nascimento.

uso de ações criminosas, manipulação das leis² e o emprego de atores de fachada que agem motivados por interesses de terceiros (LIND *et al.* 1989; LIANG; XIANGSUI, 1999; HOFFMAN, 2007).

Diante dessa realidade, a OTAN se viu motivada a se reestruturar para melhor compreender e enfrentar essa nova forma de combate. Assim, foi criado, em 2016, o Projeto de Enfrentamento da Guerra Híbrida do *Multinational Capabilities Development Campaign* (MCDC)³. Da mesma forma, a União Europeia criou em 2017, o Centro de Excelência em Guerra Híbrida, o Hybrid CoE.

2. De Clausewitz às Guerras Híbridas

Clausewitz (1984) definiu a guerra como um ato de força, desencadeado para obrigar o adversário a ceder aceitando os objetivos políticos do agressor. A guerra seria a continuação da política, por meios violentos. Ela apresenta-se como um choque de vontades, em que os combates, da mesma forma que num duelo, têm a finalidade de neutralizar a capacidade de lutar do inimigo, submetendo-o.

O que no ocidente classificamos por guerra pode ser ainda descrito como o confronto direto entre as forças militares, em que o vencedor na maioria das vezes ocupa o território inimigo e, finalmente, impõe sua vontade política. Ainda que nos últimos anos o termo guerra venha sendo usado fora desse sentido, como guerra ao terrorismo, guerra cibernética, guerra cambial, por exemplo, a lógica de Forças Armadas regulares combatendo em defesa dos interesses de seus países parece ser o que melhor representa o termo.

Entretanto, recentemente, observamos situações menos ortodoxas, as quais Forças Armadas são empregadas contra grupos terroristas, insurgentes e até contra organizações criminosas. Nesse caso, estão presentes o choque violento de vontades e os combates, dessa vez, entre as forças convencionais, de um lado, e grupos armados irregulares, de outro. Tais situações têm fomentado discussões para ampliar o entendimento do que se considera como guerra.

O direito internacional humanitário já reconhece, além dos conflitos entre estados, os Conflitos Armados Não Internacionais (CANI). Tais conflitos ocorrem entre Forças Armadas e um ou mais grupos armados atuantes num determinado país. Nesse caso, existem critérios específicos para que sejam assim classificados como um patamar mínimo de intensidade, um certo grau de organização dos grupos armados, bem como o controle de parte do território (COMITÉ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA, 2008).

Na atualidade, alguns analistas vêm procurando ampliar esse debate. Hoffman (2016; 2018), por exemplo, identifica a existência de uma “zona cinzenta” que se situa abaixo do limiar dos conflitos (guerra), mas que tampouco caracteriza-se como paz. Para ele os diferentes tons de cinza representam um espectro crescente de violência. Nessa região, situam-se diversos atos violentos e hostilidades diversas, sem, no entanto, caracterizar o que no ocidente percebemos como uma guerra.

O problema reside na incapacidade de enfrentarem adequadamente as ameaças situadas nessa zona cinzenta. Há dificuldade em caracterizar e compreender os ataques violentos ocorridos abaixo do limiar dos conflitos, ainda que eles empreguem formas não militares para causar danos significativos nas sociedades afetadas. Por exemplo, como responder a um ataque cibernético apoiado por um ator estatal contra instituições de Estado de outro país? Seria possível retaliar um Estado que apoia grupos terroristas que atuam contra outro país ou organizações criminosas que atacam suas infraestruturas críticas?

Para permitir o entendimento e o adequado enfrentamento do problema, um dos pesquisadores líderes do Centro de Excelência Europeu de Combate à Guerra Híbrida, Hybrid CoE, o Prof. Dr. Sean Monaghan (2019) propôs a criação do conceito de ameaças híbridas. Essas ameaças são a combinação de diversas formas violentas não tradicionais empregadas contra um alvo específico na sociedade para reduzir sua operacionalidade, coesão ou vontade e, de forma indireta, moldar o ambiente para impor a vontade de um determinado ator.

Ocorre que na dinâmica do mundo contemporâneo, não somente os estados-nação e suas instituições têm poder suficiente para afetar outros estados. Moisés Naím (2013) explica como atores não estatais também ganharam protagonismo, à medida em que o poder vem se dispersando na sociedade do século XXI. Por exemplo, o poder da força tem sido reivindicado por grupos insurgentes, organizações criminosas, grupos terroristas e empregado com tamanha intensidade que demanda a necessidade de emprego de Forças Armadas regulares para se contraporem a esses atores.

Aqui valemo-nos da definição clássica de poder que é um conceito relativo e significa a aptidão que um ator tem de realizar a sua vontade independente dos antagonismos externos (NAÍM, 2013). Além da força, o poder também é exercido por outros três canais: código (normalmente leis e até códigos morais e religiosos), mensagem (alterando o comportamento pela modificação da percepção) e recompensa (NAÍM, 2013). Assim, as ameaças híbridas procuram atuar nesses canais de poder, empregando muitas vezes meios não ortodoxos contra vulnerabilidades identificadas numa sociedade de forma deliberada e planejada para atingir seus intentos sem comprometer os seus atores.

Essa nova realidade social tem sido bem compreendida por diversos países que sabem explorar toda essa dinâmica em prol de seus objetivos e alinham os seus interesses à atuação desses atores não estatais. Assim, quando não lhes é conveniente despertar uma resposta militar do adversário, muitas vezes, estados revisionistas⁴ do *status quo* do sistema internacional atuam indiretamente contra outros estados patrocinando ou incentivando a atuação desses atores não estatais (MONAGHAN, 2019; CAMPANY, 2021).

²Também pode-se empregar o termo *lawfare*, que possui significado mais amplo, abrangendo a deturpação de ações legais com o objetivo de atacar algum alvo específico na sociedade a fim de atingir seus objetivos.

³O *Multinational Capabilities Development Campaign, Counter Hybrid Warfare Project* (o Projeto de Enfrentamento à Guerra Híbrida da Campanha Multinacional para o Desenvolvimento de Capacidades) é um esforço coordenado pela OTAN para auxiliar os países membros no entendimento da guerra híbrida e na construção de capacidades para combatê-la.

⁴A literatura consultada considera principalmente China e Rússia como potências ascendentes e estados revisionistas do sistema internacional. Entretanto, deduz-se que qualquer ator estatal que deseje ampliar seu protagonismo regional ou globalmente pode ser um ator revisionista do *status quo* (NA).

Tabela 1: Formas de influência e interferência

EXPRESSÃO	TRADICIONAIS /LEGÍTIMOS	NÃO ORTODOXOS /ILEGÍTIMOS
Militar	Cooperações na área de Segurança e Pacotes de Ajuda Militar e Vendas de Equipamentos Militares Exercícios Militares no Mar (domínios aéreo e marítimo) Presença Militar e exercícios combinados	Subversão política pela ação de operações especiais ou organizações de fachada
Político	Visitas Internacionais	Pressões políticas e diplomáticas Interferências em eleições de outros estados
Econômico	Sanções Econômicas	Corrupção Econômica, desvalorização artificial da moeda
Civil	Apoio às ONGS e IGO	<i>Lawfare</i> (ou manipulação de leis), patrocínio de atividades criminosas na sociedade alvo
Informacional	Propaganda Estatal Transparência Pública	Ataque cibernético, desinformação, operações psicológicas, controle da mídia

Fonte: Elaboração do autor, adaptado de Hoffman (2018, p. 35).

Cullen e Reichborn-Kjennerud (2017) agrupam os ataques híbridos nas expressões de poder, a saber: Militar, Política, Econômica, Civil e Informacional (MPECI). Tais ataques distinguem-se de medidas legítimas utilizadas pelos estados, tradicionalmente, nas estratégias que vão da cooperação à competição.

Nesse sentido, Hoffman (2018) elaborou um quadro que ilustra essa diferença e foi adaptado e traduzido por este autor, agrupando as medidas nas expressões MPECI.

Além de valer-se de ameaças híbridas, muitas vezes, um estado pode vir a empregar níveis crescentes de violência a fim de obter seus objetivos políticos. Nesse caso, a situação evoluiria para o ataque empregado de meios militares, de forma ostensiva, o que caracterizaria uma situação de guerra, no sentido comum do termo. Considerando a presença de meios militares convencionais, combinado com os meios não ortodoxos anteriormente descritos, esse conflito armado de complexidade crescente seria caracterizado como uma guerra híbrida, cujo objetivo, em tese, é a destruição do poder militar adversário e a imposição da vontade política (MONAGHAN, 2019; CAMPANY, 2021).

A dificuldade de entendimento e diferenciação dos conceitos de ameaças e de guerras híbridas pode ser explicada pela falta de um consenso acadêmico no âmbito do próprio MCDC, como também pela nuance envolvendo o termo *warfare*. Essa palavra, assim como *war*, é traduzida para nossa língua como guerra. Porém refere-se mais à forma de combater, enquanto que *war* expressa a guerra no sentido comum da palavra (RODRIGUES, 2021).

Assim, ameaças híbridas e guerras híbridas empregam essa forma de combater híbrida (*hybrid warfare*) que mescla diversos tipos de ataques, nas expressões MPECI oriundos de variados atores contra alvos específicos da sociedade (CULLEN; REICHBORN-KJENNERUD, 2017). Enquanto as ameaças híbridas se aplicam num contexto de competição internacional, as guerras híbridas pressupõem a deflagração de um conflito armado e a existência de forças armadas convencionais combatendo (CAMPANY, 2021).

Em suma, as ameaças híbridas inspiram-se na célebre frase de Sun Tzu que “subjugar o exército inimigo sem lutar é o verdadeiro ápice da excelência” (TZU; PIN, 2004, p. 62). Por outro lado, a guerra híbrida ainda permanece fortemente vinculada à concepção da guerra

segundo Clausewitz (1984), que prevalece a necessidade de neutralizar a capacidade militar inimiga. Entretanto, além dos combates entre as forças armadas, são desferidas múltiplas ações e medidas ofensivas contra alvos na sociedade e contra a capacidade militar inimiga. Essas ações valem-se, por vezes, de meios não ortodoxos e ilegítimos, conforme detalhado anteriormente.

3. O Conflito Russo-Ucraniano de 2014 aos dias atuais (2022)

Voltando às questões russo-ucranianas, relembramos que precedendo a ocupação da Crimeia e sua anexação pela Rússia em 2014, uma série de ações contribuíram para o desenrolar dos acontecimentos, alguns dos quais aparentemente não faziam parte dos planos de Moscou. Mesmo assim, a Rússia soube tirar proveito desses eventos em prol de seus objetivos políticos e estratégicos.

Inicialmente, vale destacar que, em 2013, manifestações populares contra o Presidente Yanukovich, que era pró-Rússia, eclodiram e se intensificam na Ucrânia. Os mais famosos protestos foram os da Praça *Maidan*, em novembro, motivados pela negativa do Presidente em aderir à União Europeia, pressionado por Moscou. Esses atos foram tomando características violentas e culminaram com a deposição de Yanukovich (KOFMAN *et al.*, 2017; RODRIGUES, 2021).

Ressalta-se que, sob a perspectiva russa, esses protestos violentos, organizados por redes sociais, com grande mobilização social e que visavam a depor governos não democráticos, normalmente alinhados com a Rússia - assim como os ocorridos na Primavera Árabe - fariam parte das chamadas revoluções coloridas. Eles consideram que tais revoluções seriam patrocinadas pelos EUA, numa estratégia de 'guerra híbrida' para intervir em determinados países sem a necessidade de uma operação militar direta (KORYBKO, 2018).

De fato, após a deposição de Yanukovich, sem respeitar o rito constitucional ucraniano, outro presidente mais alinhado com o ocidente foi colocado no poder. Tal medida deixou insatisfeita a parcela da população pró-Rússia no país e preocupou Moscou. A partir de então, uma série de ações desencadeadas pelo Kremlin iriam aumentar a instabilidade na Ucrânia e culminar com a anexação da Península da Crimeia (RODRIGUES, 2021).

Entre as operações de informação, destaca-se a campanha desencadeada pela mídia televisiva russa, cuja principal audiência era a população interna do país e, secundariamente, os russófonos na Ucrânia, em maioria na região da Crimeia e Leste ucraniano. Tal campanha, foi carregada de manipulação, desinformação e propaganda advertindo para os perigos de uma proximidade com a União Europeia e moldando o ambiente informacional para as ações que se desdobrariam em seguida (KOFMAN *et al.*, 2017).

Para Rodrigues (2021) as operações de guerra cibernética também foram decisivas naquele momento. Ainda que seja impossível atribuir categoricamente sua autoria, os analistas consideram bastante provável a interferência russa. Destacam-se ataques de grupos *hackers* supostamente russos a sites do governo e parlamento ucranianos. Os dados obtidos nesses ataques foram

posteriormente “vazados” para distorcer ou desacreditar os alvos políticos ucranianos, aumentando o clima de desconfiança da população em relação ao governo.

No que concerne à guerra eletrônica, as forças armadas ucranianas sofreram forte interferência em seus equipamentos de comunicação, tanto rádios como celulares, o que dificultava o comando e controle e uma resposta efetiva aos eventos que se desenrolavam (RODRIGUES, 2021).

As ações no ambiente informacional reverberaram na dimensão humana do conflito, alimentando o clima de insatisfação do governo e incitando à revolta popular que se materializou com a intensificação de protestos violentos contra o governo. Rodrigues (2021) destaca a presença de militares com uniforme e equipamentos russos, mas sem nenhuma identificação, que foram vistos nas ruas ucranianas uma semana após a queda do Presidente. Os então denominados de *Little Green Men*, mais tarde foram identificados como Forças Especiais da Federação Russa.

O Presidente Putin, sempre que questionado, negava qualquer envolvimento direto no conflito ou controle sobre tais indivíduos. Nesse sentido ele reforçava algumas ideias-forças da comunicação estratégica russa tais como “os soldados ucranianos depuseram armas e voluntariamente se alinharam a causa russa; as populações de etnia russa e os russófonos na Crimeia estão sob ameaça de ultranacionalistas e a Crimeia historicamente pertenceu à Rússia” (KOFMAN *et al.*, 2017, p. 14).

Todas essas medidas evidenciam que a Rússia foi cautelosa em não empregar diretamente suas forças armadas no país, pelo contrário, priorizou o uso de ameaças híbridas, que envolveu operações no ambiente informacional, tais como ataques cibernéticos, propaganda, operações psicológicas e desinformação. Além disso, possibilitam o emprego de tropas, sobretudo de forças especiais e o apoio a grupos separatistas, apoiado na estratégia da negação plausível. Por isso, foram de difícil detecção por parte do ocidente, impossibilitando-os de prepararem uma resposta adequada contra as ações que ocorriam.

Constata-se ainda que elas foram bem-sucedidas em promover a quebra da coesão interna da Ucrânia, dificultando uma ação organizada de suas forças armadas. Ao mesmo tempo, criaram condições, preparando o terreno e os ambientes humano e informacional para o envio de tropas convencionais à região da Crimeia sob o pretexto de pacificação. Por outro lado, os líderes ucranianos não conseguiram perceber todas as mudanças que ocorriam, o que os levou a tomar ações que apenas agravavam o problema.

Seguindo-se ao envio dessa “força de pacificação”, foi uma questão de tempo para a rendição da Base da Marinha Ucraniana em Sebastopol e a decretação da Crimeia como um estado independente. O Kremlin promoveu um plebiscito para dar legitimidade a essa ação e com um decreto presidencial, estava consumada a anexação territorial (ROBERTS, 2015; RODRIGUES, 2021).

Passando para o conflito ora em curso (2022), o quadro aparentemente é bastante diverso. Primeiro, destaca-se que, desde 2014, a OTAN veio estudando a atuação híbrida russa e se preparando para

enfrentá-la. Em segundo lugar, nota-se um grande investimento da OTAN na Ucrânia em recursos militares e infraestrutura, além de treinamento de suas Forças Armadas, conforme constatamos em nossa investigação a partir da análise de fontes abertas.

Assim, depois de perder uma parcela estratégica de seu território em 2014 e vivenciar um conflito interno na Região de Dombas contra separatistas pró-Rússia, a Ucrânia fortaleceu sua capacidade militar e trabalhou o ambiente informacional para potencializar a vontade de resistir ante uma agressão russa e blindar sua população contra os ataques no ambiente informacional. Com ajuda do ocidente ela também investiu em defesa cibernética, inteligência e comando e controle.

Sob a ótica russa, vale mais uma vez relembrar Clausewitz (1984), segundo o qual deve haver uma relação direta entre os objetivos políticos e as capacidades militares de um beligerante, de tal sorte que quanto mais ambiciosos forem os primeiros, maiores devem ser as possibilidades militares (CLAUSEWITZ, 1894; DONATO, 2022). Em outras palavras, para objetivos mais ambiciosos, sejam eles a anexação de parcela significativa de território ucraniano ou a própria substituição do regime, há necessidade de aporte de mais capacidades militares e ações mais incisivas.

Dessa forma, em vez de priorizar o esforço nas ações no ambiente informacional, no conflito de 2022, a prioridade foi para as ações cinéticas, invadindo a Ucrânia num rápido e simultâneo ataque em quatro eixos, com uma impressionante força blindada. Tudo isso precedido por bombardeios a alvos militares, sobretudo de comando e controle, aviação e defesa antiaérea ucranianos.

Ao que parece, ao iniciar uma ofensiva em quatro eixos, incluindo operações anfíbias ao Sul, próximas ao Porto de Bardiánsky e Operações Aeroterrestres e Aeromóveis ao Norte, para tomada do Aeroporto de Hostomel, próximos a Kiev, a Rússia, acima de tudo, pôde ter buscado uma imensa demonstração de Força, multiplicando a aposta que fizera em 2014 na Crimeia, dessa vez em apoio a objetivos políticos muito mais ambiciosos.

Entretanto, a resposta ucraniana fora surpreendente, demonstrando grande resiliência, não capitulou ante esse ataque. Ocorreu também por parte da OTAN, que imediatamente posicionou-se contrária à invasão e mobilizou-se para apoiar logisticamente os ucranianos. Com isso, a guerra assumiu formas mais tradicionais, caracterizando-se pelo confronto entre as forças armadas, com elevada atrição que se traduz no grande número de baixas para ambos os lados.

Com a ajuda militar da OTAN, que permaneceu mesmo depois de iniciada a ofensiva russa, em 24 de fevereiro de 2022, sobretudo no fornecimento de equipamentos militares e inteligência, e liderada pelo seu Presidente, a Ucrânia demonstrou capacidade de resistir ao ataque e também causar significativas baixas nas Forças Armadas Russas. Com a ajuda de sua população, que diferentemente do ocorrido na Crimeia, armou-se para enfrentar os invasores, em diversas regiões a Rússia deparou-se com “*partisans*” ucranianos que dificultaram ainda mais os planos do Kremlin.

Além dos confrontos entre forças no terreno, há exemplos de ataque de hackers do ocidente contra a população e órgãos governamentais russos, como os realizados pelo grupo *Anonymous*.

Até mesmo o empresário Elon Musk apresentou-se como um ator de influência no conflito e disponibilizou a rede de satélites *Star Link*, da qual é proprietário, para ampliar a capacidade de comando e controle ucranianos.

Em outras expressões de poder, são destaques as sanções econômicas agressivas como o bloqueio de bens dos oligarcas russos e das reservas internacionais do país nos EUA e UE, a retirada de empresas e serviços da Rússia e a suspensão de exportações de itens essenciais da cadeia de suprimentos, o que impacta na produção de novos armamentos. Também não faltam exemplos de medidas diplomáticas para isolar a Rússia, dificultando que ela receba suprimentos essenciais à cadeia logística de diversos armamentos e munições.

Do lado russo, além das Forças Armadas, destaca-se a presença de mercenários de países da África e Chechênia, além de grupos separatistas constituídos por residentes pró-Rússia na Ucrânia. No campo informacional permanecem os ataques hackers, a forte propaganda estatal, sobretudo a voltada para a sua própria população, a desinformação e a coação e dissuasão nucleares. Também há registros de *Deep Fake* envolvendo um discurso falso do Presidente Ucraniano.

Com todas essas ações, espalhando-se por todas as expressões de poder dos estados, o conflito poderia ser um claro exemplo de guerra híbrida. Porém sua intensidade atingiu níveis crescentes e o que se observa, apesar de as forças armadas de ambos os lados não lutarem somente contra as forças militares do estado opositor, elas são as grandes protagonistas das ações. Ademais o propósito mais amplo é a obtenção da vitória militar. Tal vitória é a pré-condição para qualquer negociação a ser obtida nos termos do vencedor.

Dessa forma, o corolário desse conflito é a derrota do oponente por meios militares, ainda que outras expressões de poder possam corroborar com esse intento. Em vez de vencer o inimigo sem lutar, busca-se a vitória pela neutralização do poder militar do oponente, com ênfase nos combates e na atrição, conforme propunha Clausewitz (1984), que permanece mais vivo e atual do que nunca.

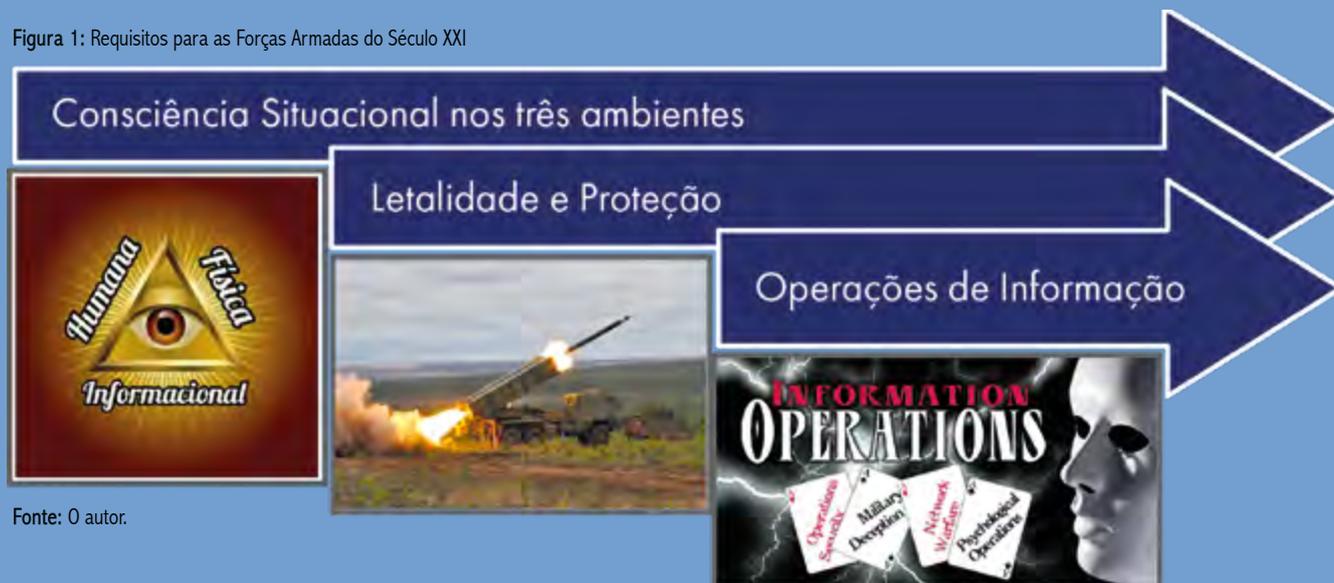
Contrariando as previsões anteriores de que o número de baixas não seria um indicador relevante dos conflitos do futuro (LIANG; XIANGSUI, 1999), ou que outros domínios pudessem ter o protagonismo em guerras seriam rápidas e decisivas, o conflito russo ucraniano de 2022 é marcado pela grande atrição de forças, combates urbanos, trincheiras, pesados bombardeios e um imenso número de baixas e perdas de material.

Conforme revelou o General de Brigada Oleksiy Hromo à rede ABC News, em 17 de junho, as forças ucranianas estavam sofrendo cerca de 1000 baixas por dia, nos violentos confrontos que se desenvolveram no Dombas. A média de mortos em ação por dia era de 200 a 500 militares. Já a Rússia, segundo estimativas ucranianas, teria perdido, em quatro meses de conflito, cerca de 35.000 homens (JOHNSON, 2022a).

Esses números reforçam a necessidade de forças armadas dotadas de elevada letalidade e também de resiliência para suportar tamanhas perdas. Por isso, com tamanha atrição, reacendem os debates acerca da conscrição e caem por terra a ideia de que as guerras do século XXI seriam breves ou que privilegiariam apenas os chamados fogos não cinéticos⁵.

⁵Fogos ou Ataques não cinéticos incluem os ataques empregando meios que não se movimentam, ou seja, incluem o uso da informação como arma, ataques cibernéticos, guerra eletrônica.

Figura 1: Requisitos para as Forças Armadas do Século XXI



Fonte: O autor.

Entretanto, é inegável que nos conflitos de 2014 e no conflito ora em curso (2022), os combates extrapolam o ambiente físico e passam a incluir as dimensões informacional e humana de maneiras sem precedentes. Por isso, além de planejar e executar ações militares no ar, mar e terra, há igual necessidade de atuar de forma sincronizada nos ambientes informacional e humano.

Para tanto, além do desenvolvimento de capacidades relacionadas às operações de informação, tais como a guerra eletrônica, as operações psicológicas, os assuntos civis, as ações de guerra cibernética e a comunicação social, visualiza-se a necessidade de melhor preparar os líderes militares para melhor navegarem no “terreno” humano.

Conforme este autor já discutiu em outro trabalho (CAMPANY 2021), a formação dos líderes na Marinha do Brasil ainda carece de maior ênfase em disciplinas que possam contribuir com esse propósito como a Psicologia Social, a Antropologia ou a Pedagogia. Ainda que não seja necessário que os líderes sejam especialistas em tais matérias, o seu conhecimento os ajudará a melhor compreender e influenciar no complexo ambiente humano.

Também chama a atenção a interdependência entre os domínios clássicos terrestre, aéreo e naval com os novos dois: o cibernético e espacial. Nesse sentido, uma arma como o carro de combate, que era a estrela dos combates terrestres, passou à condição de alvo, sendo desafiado pelos drones. Do mesmo modo, o navio capitânia da Esquadra Russa do Mar Negro foi afundado por um míssil lançado de terra. Tais eventos foram potencializados graças à comunicação satelital e a inteligência recebida pela Ucrânia, mas demonstra como os ambientes e domínios da guerra são interdependentes.

4. Conclusão

A análise dos conflitos entre a Rússia e Ucrânia, particularmente as ações desencadeadas no período de 2013 a 2014, culminando com a anexação da península da Crimeia, e as operações militares observadas nos primeiros seis meses do conflito de 2022 oferecem algumas pistas de como serão as guerras do século XXI. Por

isso, o estudo desses conflitos possibilita extrair valiosas lições no que concerne ao preparo das forças para as guerras do futuro.

Em síntese, as forças armadas precisam de capacidades que podem ser didaticamente apresentadas em três grupos: consciência situacional nos três ambientes; letalidade e proteção; e operações de informação. O primeiro grupo diz respeito às capacidades de compreender os ambientes físico, informacional e humano, identificando suas dinâmicas e vulnerabilidades. Ver Figura 1.

Em ambos os conflitos, precedendo o envio de forças militares, as ações são desencadeadas na forma de ameaças híbridas, cuja detecção é difícil e procura explorar vulnerabilidades de uma sociedade empregando uma combinação de ataques nas expressões militares, política, econômica e informacional. Essas medidas podem ser suficientes para se obter os efeitos desejados e objetivos políticos. Por isso, tanto para quem se defende como para as forças atacantes, ter consciência situacional é a base para o êxito.

Por outro lado, é necessário ainda a capacidade de se proteger em todos os domínios da guerra e, ao mesmo tempo, infligir danos no adversário. Muitas vezes, para se proteger será necessário atacar, a exemplo dos ataques ucranianos aos depósitos de munição russos, responsáveis pela perda da impulsão e paralisação do avanço russo. O binômio letalidade e proteção requer o emprego de meios furtivos e disruptivos, como os drones, satélites e armamento de artilharia, sobretudo precisos.

Finalmente, destacamos a necessidade de continuar desenvolvendo as capacidades relacionadas às operações de informação, que incluem a guerra eletrônica e cibernética, as operações psicológicas, os assuntos civis e a comunicação social. Tal conjunto interrelacionado de capacidades também proporciona a maior consciência situacional nos ambientes humano e informacional. Tal capacidade contribui com a consciência situacional nos ambientes humano e informacional. Possibilita, ainda, garantir a legitimidade das ações e manutenção das alianças estratégicas e o recebimento de apoio político, além da imprescindível capacidade de dialogar com as populações presentes nas áreas de conflito e de interesse, exercendo o poder da mensagem.

No caso de forças de fuzileiros navais, que atuam desdobradas no terreno, elas devem estar preparadas para esse novo campo de batalhas, ora combaterão empregando fogos pesados para causar baixas no inimigo e ora terão que lidar com a população civil, sendo capazes de entender suas demandas e influenciá-las

em prol do cumprimento da missão. Ao mesmo tempo, cada fuzileiro naval será um sensor capaz de captar tanto informações sobre o inimigo, como também do terreno físico, humano e informacional, contribuindo para a consciência situacional dos comandos superiores.



Referências

- CAMPANY, Luiggi. **Ameaças híbridas e a segurança marítima do século XXI**. 2021. 114 f. Tese (Doutorado em Política e Estratégia Marítimas) – Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2021.
- CLAUSEWITZ, Carl von. **Da guerra**. Tradução de Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. [S. l.: s. n.], 1984. 845 p. Versão inglesa de Michael Howard e Peter Paret.
- COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA (Suíça). **Como o direito internacional humanitário define “conflitos armados”?** [Geneva], mar. 2008. Artigo de opinião. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/doc/assets/files/other/rev-definicao-de-conflitos-armados.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2021.
- CULLEN, Patrick J.; REICHBORN-KJENNERUD, Erik. Understanding hybrid warfare. In: CULLEN, Patrick J.; REICHBORN-KJENNERUD, Erik. **Understanding hybrid warfare: a multinational capability development campaign project**. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/647776/dar-mc-dc_hybrid_warfare.pdf. Acesso em: 3 mar. 2021.
- DONATO, Joseph M. **Putin’s bad math: the root of Russian miscalculation in Ukraine**. [S. l.], 10 May 2022. Disponível em: <https://mwi.usma.edu/putins-bad-math-the-root-of-Russian-miscalculation-in-ukraine/>. Acesso em: 3 nov. 2022.
- HOFFMAN, Frank G. **Conflict in the 21st century: the rise of hybrid wars**. Arlington: Potomac Institute for Policy Studies, 2007. Disponível em: https://www.potomacinstitute.org/images/stories/publications/potomac_hybridwar_0108.pdf. Acesso em: 28 fev. 2022.
- HOFFMAN, Frank G. Examining complex forms of conflict: gray zone and hybrid challenges. **PRISM**, Washington, DC, v. 7, n. 4, p. 30-47, Nov. 2018. Disponível em: <https://cco.ndu.edu/News/Article/1680696/examining-complex-forms-of-conflict-gray-zone-and-hybrid-challenges/>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- HOFFMAN, Frank G. **The contemporary spectrum of conflict: protracted, gray zone, ambiguous, and hybrid modes of war**. Washington, DC: The Heritage Foundation, 2016. Disponível em: https://www.heritage.org/sites/default/files/2019-10/2016_IndexOfUSMilitaryStrength_The%20Contemporary%20Spectrum%20of%20Conflict_Protracted%20Gray%20Zone%20Ambiguous%20and%20Hybrid%20Modes%20of%20War.pdf. Acesso em: 7 jun. 2022.
- JOHNSON, David. **A modern-day Frederick the great?: the end of short, sharp wars**. Washington, DC, 5 July 2022a. Disponível em: <https://warontherocks.com/2022/07/a-modern-day-frederick-the-great-the-end-of-short-sharp-wars/>. Acesso em: 19 jul. 2022.
- JOHNSON, David. **The army risks reasoning backwards in analyzing Ukraine**. Washington, DC, 14 June 2022b. Disponível em: <https://warontherocks.com/2022/06/the-army-risks-reasoning-backwards-in-analyzing-ukraine/>. Acesso em: 16 jun. 2022.
- KOFMAN, Michael *et al.* **Lessons from Russian’s operations in Crimea and Eastern Ukraine**. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2017. Disponível em: https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR1498.html. Acesso em: 16 jun. 2022.
- KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas: das revoluções coloridas aos golpes**. Tradução de Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018. 173 p.
- LIANG, Qiao; XIANGSUI, Wang. **Unrestricted Warfare**. Beijing: PLA Literature and Arts Publishing House, 1999. Disponível em: <https://www.oodaloo.com/documents/unrestricted.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2021.
- LIND, William S. *et al.* The changing face of war: into the fourth generation. Alexandria, **Marine Corps Gazette**, [s. l.], p. 22-26, Out. 1989. Disponível em: <https://globalguerrillas.typepad.com/lind/the-changing-face-of-war-into-the-fourth-generation.html>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- MONAGHAN, Sean. **Countering hybrid warfare: conceptual foundations and implications for defence forces**. [S. l.: s. n.], 2019. Disponível em: https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/840513/20190401-MCDC_CHW_Information_note_-_Conceptual_Foundations.pdf. Acesso em: 12 jul. 2022.
- NAÍM, Moisés. **O fim do poder: nas salas da diretoria ou nos campos de batalha, em igrejas ou Estados, por que estar no poder não é mais o que costumava ser?** Tradução de Luis Reyes Gil. São Paulo: LeYa, 2013.
- ROBERTS, James Q. **Maskirovka 2.0: hybrid threat, hybrid response**. Tampa, FL: ISOU Press, 2015. 24 p.
- RODRIGUES, Fernando da Silva. Anexação da Crimeia e a Crise da Ucrânia sob a perspectiva político-estratégica da Rússia. **Análise Estratégica**, Brasília, DF, ano 6, n. 1, p. 106, fev. 2021.
- TZU, Sun; PIN, Sun. **A arte da guerra**. Tradução de Ralph D. Sawyer e Ana Aguiar Cotrim. Ed. completa. São Paulo: Martins Fontes: 2004. 336 p.